

A portrait of Sigmund Freud, an older man with a white beard and mustache, wearing a dark suit jacket, a white shirt, and a dark tie. He is looking slightly to the left of the camera. The background is a repeating pattern of colorful diamonds in shades of teal, yellow, red, and grey. The text 'Juracy Marques' is in the top right corner, and the title 'A ECOLOGIA DE FREUD: OS ECOSSISTEMAS DA NATUREZA HUMANA' is at the bottom.

Juracy Marques

A ECOLOGIA DE FREUD: OS ECOSSISTEMAS DA NATUREZA HUMANA

Dr. Juracy Marques

A ECOLOGIA DE FREUD: OS ECOSSISTEMAS DA NATUREZA HUMANA

(1ª. Edição)



Petrolina – 2017



Sociedade Brasileira de Ecologia Humana – SABEH

www.sabeh.org.br.

© Autor - Todos os direitos desta edição reservados à Juracy Marques

Coordenação Editorial: Juracy Marques

Conselho Editorial da Sabeh: Dr. Juracy Marques dos Santos (PPGEcoH/UNEB); Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM/PPGAS); Dr. João Pacheco de Oliveira (UFRJ/Museu Nacional); Dr. Martín Boada Jucá – Espanha (UAB); Dra. Iva Miranda Pires (FCSH-Portugal); Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne (CAAPA/PPGEcoH/UNEB); Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira (NECTAS/PPGEcoH/UNEB); Dr. José Geraldo Wanderley Marques (UNICAMP/UEFS/PPGEcoH); Dr. Paulo Magalhães - Portugal (QUERCUS); Dr. Júlio Cesar de Sá Rocha (PPGEcoH/UNEB); Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo (PPGEcoH/UFCEG); Dr. Ricardo Amorim (PPGEcoH/UNEB); Dr. Ronaldo Alvim (UNIT); Dr. Artur Dias Lima (UNEB/PPGECO); Dra. Adriana Cunha (UNEB/PPGECO); Dr. Feliciano de Mira (PPGECO); Dr. Adibula Isau Badiu - Nigéria (UNIT); Dra. Alpina Begossi (UNICAMP); Dra. Flávia de Barros Prado Moura (MHNUFAL); Dr. Anderson da Costa Armstrong (UNIVASF); Dr. Luciano Sérgio Ventin Bomfim (PPGEcoH/UNEB) Dr. Ernani M. F. Lins Neto (UNIVASF); Dr. Gustavo Hees de Negreiros (UNIVASF/SABEH); Dr. Carlos Alberto Batista Santos (PPGEcoH/UNEB)

Revisão: Edilane Ferreira da Silva

Design Gráfico: Carlos Vilmar

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte constitui violação dos direitos do autor (Lei nº 9610-98).

O autor é responsável pela revisão do texto, bem como pela escolha do sistema de citação adotado.

Catálogo na publicação (CIP) Ficha Catalográfica

Marques, Juracy.

M357c A Ecologia de Freud: Os Ecossistemas da Natureza Humana, /Juracy Marques.
Petrolina/PE: Editora SABEH, 2017.
194 p.; il.

ISBN: 978-85-5600-018-7

1. Psicanálise - Natureza Humana
2. Juracy Marques. I. Título

CDU: 316.6

CDD: 150.195

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Contato com o autor: juracymarquespsy@gmail.com

A ECOLOGIA DE FREUD: OS ECOSSISTEMAS DA NATUREZA HUMANA

Dr. Juracy Marques

2017

O problema do planeta começa na
insustentabilidade do desejo humano.
O desejo humano é insustentável.
O problema da sustentabilidade é que o
desejo humano é insustentável.

Luiz Pondé



Apresentação

Que espécie é esta cujo desejo é insustentável? O que torna o desejo humano insustentável se é que o é? Freud (1856-1939) dedicou uma vida em busca dessa resposta. Mergulhou nos lugares mais profundos da mente e deixou, à humanidade, pistas de como entender o mistério da natureza humana.

Alguns estudos (RITVO, 1990; SACKS, 1998; ADES, 2001; MENDES, 1996) revelaram a proximidade de Freud com o pensamento de Darwin (1809-1882), Wallace (1823-1913), Goethe (1749-1832), Lamarck (1744-1829), Haeckel (1834-1919), grandes expoentes do pensamento evolucionista dos séculos XIX e XX, trazendo um aspecto de sua vida pouco conhecido.

Suas pesquisas no campo da zoologia mostraram quão apaixonado Freud fora pela biologia, tendo, no início de sua vida, desenvolvido estudos em laboratórios de fisiologia, anatomia, neurologia, ao lado de grandes pesquisadores da Universidade de Viena, como o professor de zoologia e diretor do Instituto de Zoologia e Anatomia Comprada, Carl Claus (1835-1899), o médico, professor de fisiologia e diretor do Instituto Fisiológico, Ernst Brücke (1819-1892), e o anatomista cerebral, neurologista e psiquiatra, Theodor Meynert (1833-1892).

Lucian Freud, extraordinário pintor figurativo do século passado, via seu avô como um grande zoólogo, apaixonado pelo mundo animal. Sigmund Freud sonhava em um dia encontrar-se com um porco espinho, tão encantado era pela parábola de Schopenhauer sobre a sociabilidade humana. Vira um, morto, na ocasião de sua viagem aos Estados Unidos, em 1909. Como consolo, ganhara da família Putnam, seus anfitriões, uma estatuazinha que passara a decorar o consultório da Berggasse 19, em Viena.

O pai da psicanálise¹, a qual se trata de um *procedimento médico que visa à cura de certas formas de doenças nervosas (as neuroses) através de uma técnica psicológica*

¹ O termo psicanálise denomina, concomitantemente, uma teoria psicológica, uma técnica terapêutica e um método de investigação científica (BAIRRÃO, 2016).

(FREUD, 1913: 169), também conhecida como *psicologia genética*, era um biólogo encantado pela natureza. Isso sabemos, mas, aqui, quero demonstrar que se trata de um dos maiores ecólogos humanos que a humanidade já teve.

A ecologia humana é a mais interdisciplinar das ciências que estudam o fenômeno humano. Esse campo de conhecimento, que teve como precursores os trabalhos de Durkheim (1858-1917), Darwin e do próprio Freud, foi sistematizado na Escola de Chicago (EUA), nas primeiras décadas do século XX e objetivava se constituir como um modelo de pensamento para a interpretação dos sistemas humanos, culturais e naturais. Steiner e Nauser (1993: 24) a definem a partir de uma perspectiva “trans-científica”.

Toma-se como marco da origem desse campo de conhecimento a publicação do artigo *Human Ecology* no *The American Journal of Sociology* de autoria de Robert Park, pesquisador da Escola de Chicago (EUA), em 1936. Antes disso, como escreve Iva Pires (2017), o primeiro registro que trata da Ecologia Humana é um artigo de Harlan Barrows (1877-1960), intitulado *Geography as Human Ecology*, publicado em 1923 nos *annals of the Association of American Geographers*. Barrows, na época da publicação desse artigo, era presidente da Association of American Geographers, sendo este trabalho produto de uma conferência que ele proferiu em Ann Arbor, em 1922.

Na maioria dos estudos, a ecologia humana é apontada como um paradigma científico (BOMFIM, 2016), um sistema de ideias, níveis de pensamento interdisciplinar, multidisciplinar ou transdisciplinar (MACHADO, 1984: 23). Para Juan Tapia (1993), trata-se de uma ética para a vida. Begossi (1993) destaca que a ecologia humana não é uma das ramificações da ecologia em si, *ela transcende à ecologia*.

Quando Darwin morreu (1882), tendo deixado ao mundo seu precioso trabalho sobre *A Descendência do Homem e a Seleção Sexual*, publicado em 1871, uma das maiores referências a respeito da ecologia da espécie humana, Durkheim era um jovem pesquisador, com 24 anos de idade. Para Iva Pires e Craveiro (2011), o início da ecologia humana pode ser reportado aos trabalhos de Durkheim, particularmente, suas reflexões sobre morfologia social e divisão do trabalho, destacando que a adaptação da espécie humana é produto das pressões demográficas e disponibilidades de recursos.

Darwin instituiu a perspectiva de análise da espécie humana ancorado no modelo biológico, enquanto Durkheim analisava a dinâmica humana a partir da sociologia, ciência da sociedade recém-criada. Freud, contemporâneo de Durkheim, para estudar o ser humano, não se prendera nem à biologia nem à sociologia. Seu modelo inaugurou uma análise multidisciplinar da nossa espécie, acrescido da revolucionária hipótese sobre a existência do inconsciente humano.

Assegura-nos Morin (2012: 65) de que o sentido do humano, a busca por uma compreensão inteligível do que ele seja, desaparece em benefício dos genes para um biólogo, das estruturas para um antropólogo estruturalista, de uma máquina determinista para um mau sociólogo e, hoje, diria, para os algoritmos na visão de um dataísta. Freud tentara escapar dessas reduções classificatórias quando pensava o ser humano.

A psicanálise foi recebida nos braços da literatura, nas artes plásticas, particularmente entre os surrealistas, bem ou mal, no meio médico e neuropsiquiátrico, na propaganda e no marketing, no cinema, na antropologia e em muitos outros espaços do conhecimento humano. Entretanto, nunca na ecologia. *Freud concebia sua teoria como uma ciência que teria como finalidade traduzir a epopeia psíquica da espécie humana e de sua origem na língua dos mitos* (ROUDINESCO, 2016: 236).

O pai da psicanálise não se deixava enquadrar nas nomenclaturas, não se definia psiquiatra, nem médico, nem sexólogo. Havia, desde Freud, a aposta numa perspectiva de análise para além das fronteiras disciplinares que liam o comportamento da espécie humana. Roudinesco (2016: 156) traduz bem esse espírito livre e inclassificável de Freud: *Era antes de tudo um médico da psique, um humanista das palavras, do sonho e das mitologias, um clínico do sofrimento solitário, um homem de ciência formado em neurologia e na fisiologia. O mundo da psiquiatria, com suas classificações normativas, seu universo asilar, sua observação dos corpos e comportamentos, esse mundo, politicamente organizado como um Estado dentro do Estado, mundo fechado – o de Bleuler, Jung, Binswanger e muitos outros – não era o seu.*

Temos, portanto, uma ecologia dos bichos e das plantas, oriundas da biologia, e uma ecologia da espécie humana, que nasceu das fronteiras de diferentes campos

de saberes, entre os quais a psicanálise. Roudinesco (2016: 251) mostra-nos que Freud fundara uma “disciplina” que não podia se integrar ao campo das ciências em si, tampouco das ditas ciências humanas. Muitos cientistas colocaram a psicanálise do lado da literatura, diz-nos. Para a antropologia e a sociologia, ela era pensada como um novo nascimento das antigas mitologias. A psicologia sentia-se ameaçada. Para filósofos, era uma estranha psicologia, muitos até apontando que se tratava de uma reescrita nietzscheniana.

Sabemos dos sonhos iniciais de Freud com a Filosofia. Em 1925, dirá: *Li Schopenhauer muito tarde na vida. Quanto a Nietzsche, o outro filósofo cujas ideias e percepções muitas vezes coincidem da maneira mais espantosa com os resultados laboriosos da psicanálise, evitei-o durante muito tempo precisamente por esta razão; o pioneirismo na descoberta me importava menos do que não ter prevenções* (in Roudinesco, 2016: 250).

Importante avançarmos quanto ao entendimento do que é a vida, base central das ciências naturais. Parte da ecologia clássica a compreende como um animal num jardim zoológico. Como regra, *a vida não-idealizada é insubmissa* (Godoy, 2008: 23). A psicanálise, parece-me, tentou dizer algo que não sirva à submissão, desvelando-a, e isso é algo caro ao pensamento ecológico, trazendo o nômade no lugar do sedentário, o móvel no lugar do fixo.

Pensar analiticamente é como, ao nos deslocarmos do continente, perceber que ele não deixa de ser sólido porque o experimentamos, agora, como líquido, inaugurando uma solidez na liquidade e, assim, tendo outro parâmetro para pensar a ecologia que, segundo Godoy (2008: 26), é a gramática da vida.

A psicanálise foi trazida ao mundo por Freud e não pode ser lida como uma teoria da clínica, apenas. É algo além disso. Roudinesco (2016: 135), na sua memorável biografia sobre o criador desse revolucionário método de investigação humana, descreve a criação freudiana como uma *estranha disciplina a meio caminho da arqueologia, da medicina, da análise literária, da antropologia e da psicologia social mais abissal – a de um mais além do íntimo*. A psicanálise é uma ciência que tenta explicar a vida pela perspectiva da interligação dos saberes, de suas interdependências. Freud exercitou esse modelo até as últimas consequências.

Teóricos da ecologia humana contemporânea situam-na numa dimensão adisciplinar (DYBALL, 2009; LAWRENCE, 2001). Robert Dyball (2010: 275) afirma que *a ecologia humana é uma forma de construção do conhecimento sobre as interações entre seres humanos, suas culturas e seus ecossistemas*. Para Machado (1984: 33), *a ecologia humana deixa de ser um capítulo de uma ciência, não é uma síntese de todas as ciências nem o estudo de áreas marginais de diferentes disciplinas, nem constitui a soma de áreas limitadas de diferentes ciências*. É, ratifica, *um novo nível de pensamento ao alcance de diferentes disciplinas*. Iva Pires (2011) afirma que a perspectiva central da ecologia humana é de *uma inadiável compatibilidade entre a sociosfera e a biosfera*². Em síntese, a ecologia humana visa *estudar as interações homem-ambiente* (MORAN, 1999; 1994).

Nunca, em nenhum momento da história, se tornou tão urgente o estudo da nossa espécie e suas relações com os ecossistemas. Antes, como assegura o escritor e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, Yuval Harari (2016: 12), tratava-se de um agrupamentozinho de *animais insignificantes*, cujo impacto no ambiente não era maior que o de gorilas, vaga-lumes ou águas-vivas e que ninguém imaginaria que seus descendentes viajariam a lua, dividiriam o átomo, mapeariam o código genético e escreveriam livros, nem que seriam capazes de, técnica e emocionalmente, organizarem as possibilidades para sua própria destruição. Freud ambicionava organizar uma ciência que dissesse algo plausível sobre essa complexa espécie.

Como mostra o percurso do pensamento de Freud, vemos o ser que, desde cedo, rompera com as caixas das disciplinas, tendo estudado filosofia, teologia, literatura, direito, psicologia, antropologia, sociologia, mitologia, bruxaria, linguística, arqueologia, artes, biologia, zoologia, neurologia, psiquiatria, estética³, religiões, escultura, geologia, química⁴, tentando evidenciar, diria mesmo, costurar, uma complexa teia de conhecimentos para explicar o fenômeno humano.

Destaca-se, nessa seara, as grandes contribuições de Darwin, que situou, de forma mais precisa, o ser humano como um animal natural e emprestou ao pensamento

² *O ecossistema dos ecossistemas* (GODOY, 2008: 90).

³ *A estética humana possui uma raiz profunda, anterior ao ser humano* (MORIN, 2012: 133).

⁴ Freud fez dois semestres no laboratório de química do Dr. Carl Ludwig (ROUDINESCO, 2016: 43).

de Freud a poderosa ideia da *horda primitiva*, uma hipótese para a origem das sociedades⁵ humanas, em que machos fortes e ciumentos dominavam as fêmeas e expulsavam os filhos e outros rivais. Esse é um recorte do que chamamos mitologia freudiana. Roudinesco (2016: 250) nos diz que o que Freud resgata de Darwin é o *romance trágico de um homem que, após tomar-se por um deus, percebe que é diferente do que julgava ser: um assassino, ou o descendente da espécie animal*.

A descrição das observações de De Waal (in REGO, 2005: 197) sobre o comportamento de chimpanzés de Arnhem, num zoológico holandês, reafirma a tese darwiniana da horda que tanto seduziu Freud: *Eu às vezes me sinto como se estivesse estudando a horda primitiva de Freud; como se uma máquina do tempo me tivesse levado de volta aos tempos pré-históricos, de modo que eu pudesse observar uma aldeia de nossos ancestrais (...) quando Yeroen era o macho alfa, ele sozinho era responsável por três quartos das cópulas. Se não contarmos as cópulas com fêmeas jovens (que despertam menos rivalidade), sua quota era quase 100 por cento. Ele possuía o monopólio sexual neste grupo. Essa situação terminou quando Luit e Nikkie se revoltaram contra ele. Yeroen não foi cortado em pedaços, mas ele nunca mais foi capaz de conquistar novamente algo parecido com a sua antiga quota de atividade sexual. Além disso, nenhum outro macho tornou-se forte o suficiente para monopolizar as fêmeas no estro tão completamente como ele o fazia antigamente*.

As ciências, como os grandes impérios, ergueram-se afirmando seus brasões, suas bandeiras. O pensamento disciplinar que marcou a estrutura desses reinos tornou-se os portões desses enigmáticos castelos. A dicotomia clássica entre ciências naturais (mecânicas) e ciências humanas (sociais) foi a marca do pensamento da humanidade desde sempre na história das ciências, mas, sobretudo, a partir do século XVII, com o advento do positivismo. Uma das marcas do pensamento freudiano é a ruptura com esse modelo dicotômico entre o naturalismo e as humanidades.

Hilton Japiassu (1976: 19), em seu livro *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*, captura esse momento da tradução da escrita freudiana a respeito das ciências do homem: *Todas as intenções, afeições e significações constitutivas da presença*

⁵ Adorno afirma que *a sociedade é um conjunto de indivíduos e a negação deles* (in MORIN, 2012: 169).

humana aparecem, então, como tantos outros obstáculos à verdade, como outras tantas ilusões que convém destruir. O mundo familiar das evidências, do coração e da fé, das crenças e das paixões contraditórias, converte-se num universo geometrizado onde reina a luz fria das demonstrações matemáticas. A racionalidade científica desnatura a natureza e deshumaniza o homem. Freud, médico, neurocientista, distanciara-se desses elogiados modelos mecânicos para se permitir pensar em outras fissuras que trouxeram novas luzes sobre o comportamento humano.

Mas qual modelo de ciência se adequa ao estudo científico dessa complexa espécie? Simanke (2009) discute que nessa guerra as ciências sociais sempre ficaram em desvantagem, restando-lhes a estratégia de reivindicar outra ordem de cientificidade, como assegura o surgimento da sociobiologia, a expansão das neurociências, particularmente a estruturação da neuroética e mesmo a afirmação da ecologia humana, cujas tentativas de classificações, ao lado das ciências naturais ou sociais, parecem estéreis. Alguém já viu uma pedra, um vírus, uma formiga fazer ciência? Todas as ciências são humanas. São feitas pelos humanos.

No caso específico do campo da psicologia, ressalta Simanke (2009), observamos, nitidamente, uma declarada organização inspirada na dicotomia. De um lado, aquelas psicologias mais inclinadas ao naturalismo (funcionalistas, behavioristas, cognitivistas e os evolucionistas); do outro, os que se agrupam no terreno das humanidades (os psicólogos culturais, os fenomenologistas, os humanistas, entre outros).

Simanke (2009) destaca que essas dicotomias, historicamente, foram sempre contraproducentes, descrevendo que a psicanálise, nesse cenário, tornou-se uma notável exceção, embora, assegura, entre as escolas pós-freudianas encontramos os psicanalistas antinaturalistas, como é o caso do culturalismo norte-americano, a psicanálise existencial, a psicanálise lacaniana, entre outras, bem como aquelas filiadas ao naturalismo, a exemplo da psicologia do ego e dos neuropsicanalistas. Freud alertava que toda conversão é uma limitação. Em boa medida, o freudismo virou uma religião.

Mezan (in REGO, 1988: 244), importante psicanalista brasileiro, vai destacar que a criação freudiana está organizada, hoje, no mundo, sob o signo da dispersão: *cada corrente possui de si mesma e de seus adversários uma imagem idêntica:*

é ela a fiel depositária das descobertas de Freud, e as rivais não passam de traidores execráveis de seu legado. São espelhos do arco-íris das interpretações bíblicas.

Uma leitura cuidadosa da obra de Freud mostra que ele não se aventurou pelas fendas dessas rupturas científicas. Sua produção, desde seus primeiros estudos da histeria até sua última obra, *Moisés e o Monoteísmo* (1939), deixa claro que a ciência natural é, ou deveria ser, ciência social, humana, cultural. Freud escreveu: *A psicologia também é uma ciência natural. O que mais ela poderia ser?* (in SIMANKE, 2009).

Simanke (2009) desnuda um Freud ao lado de um *naturalismo integral*, que abarca tanto o psiquismo individual quanto o social, abordando tantos os aspectos psicodinâmicos e impulsivos da mente quanto sua dimensão qualitativa, experiencial e subjetiva.

Como modelo adisciplinar, Freud nos instiga a abrir as formas, borrar as linhas, ir além da vizinhança, derrubar paredes, transbordar os conceitos, as definições, as classificações e, sendo estranho, deixar de ser estranho, pois só se pensa o pensamento na estranheza. *Nada do que é humano me é estranho*, escreveu Freud. Sua verdade, que é a disciplina, é limitada ao deciframento do enigma humano. Como saber terminal sobre a parcialidade dos fenômenos, suas elaborações são como cadeados, trancam ao invés de libertar, como está a vida presa ao organismo, e mesmo este nas grades da pele humana. É preciso atravessar a pele e transpassá-la para penetrar Freud.

Há na disciplinaridade uma grave contradição: absurda-se com a totalização, com o pensamento englobante e defende a natureza alienante das partes. Também o fragmentário. A não totalização alienante o assusta. Heidegger afirmou que *questionar estiliza a separação das ciências em disciplinas compartimentadas* (in MORIN, 2012: 17). Compreende-se pelas margens, pelos contornos, pelo não transbordamento num certo sentido da totalidade.

Há sempre uma totalidade aprisionada nos contornos das disciplinas. Nego a totalidade e me fragmento, mas mantenho a totalidade da crença de que o fragmento ameaça a totalidade. Um esquisito paradoxo, próximo ao conceito de negação em psicanálise, em que finjo não existir o que existe tornando a minha existência um fingimento. As classificações são totalidades das fragmentações e, conforme pensa Morin (2012: 100), *o separável e o inseparável são inseparáveis*.

Um bom exemplo dessa dimensão são as linhas que definem os estados nacionais. O que separa a União Europeia da Síria, da África, são barreiras políticas, linhas imaginárias que separam o humano do humano. Um deles lido como animal, como colonizado, como inferior. Os meridianos, os paralelos, esses rabiscos que fatiam a Terra, de fato, são alucinações que demarcam separações. Só existem como separações.

Antes, se um dia retomarmos nosso ponto de ligamento como *humanos todos*, nas nossas *todas diferenças*, perceberemos essas demarcações como linhas que contornam profundamente nossos vazios, essa solidão infernal que nos domina. Na existência, somos um borrão, uma mancha que carece de linhas, de contornos que aprisionam o que ficará sempre fora. Somos ausentes quando presentes. Freud não se descuidou dessa topologia da presença-ausente e foi buscar no inconsciente um lugar para encontrar escondido o humano de nós, ou seja, em fortalezas onde está aprisionada a nossa frágil criança.

Harari (2016: 374) nos dá uma prova incontestada de como a humanidade é cortada por linhas esquizofrênicas: *As nações síria, libanesa, jordaniana e iraquiana são produtos de fronteiras aleatórias desenhadas na areia por diplomatas franceses e britânicos que ignoraram a história, a geografia e a economia da região. Esses diplomatas determinaram em 1918, que as pessoas do Curdistão, de Bagdá e de Basra seriam, dali em diante, “iraquianas”. Foram primordialmente os franceses que decidiram quem seria sírio e quem seria libanês. Saddam Hussein e Hafez al-Assad tentaram o possível para promover e reforçar sua consciência nacional fabricada por britânicos e franceses, mas seus discursos bombásticos sobre a natureza supostamente eterna das nações iraquiana e síria eram palavras vazias.* Isso vale para a América luso-espanhola e, como estamos assistindo, para as políticas insanas de proibição de emigrantes mulçumanos nos EUA, que já começou a construir o muro que os separarão dos seus vizinhos mexicanos. Somos, estranhamente, parte isolada de uma bio-esfera, a Terra.

A biosfera, termo criado pelo geólogo austríaco Suess e desenvolvido pelo gequímico russo Wladimir Vernadsky, em 1920⁶, concebe e encerra em si o ciclo da vida, não a transborda. Isso também ocorre com o conceito de ecossistema

⁶ In Godoy (2008: 97).

de Tansley, como *uma contraposição, em que a noção de sistema, de totalidade do sistema, deve ser tomada no sentido dado ao termo “sistema” em física. Os ecossistemas corresponderiam à unidade básica da natureza na superfície terrestre; tomados como unidades matemáticas, eles não seriam dados brutos da natureza, mas unidades de cálculo aptas para extrair valores numéricos quantificáveis e não conjuntos vagos* (GODOY, 2008: 96).

Assim, a noção de ecossistema também se define por telas de fronteiras, por linhas esquizofrênicas. Igualmente, o conceito de biodiversidade⁷, a biosfera das biosferas, cunhado em 1980 por Walter Rosen⁸, uma tentativa de vincular todas as coisas dos ecossistemas, tornou-se o mantra dos conservacionistas, uma luta pela proteção da natureza da antinatureza humana. Só futuramente viria aparecer o termo sociobiodiversidade, num esforço estranho de incluir a espécie humana como biodiversidade. Os ecossistemas humanos são, antes, possibilidades, a exemplo da sua total destruição.

Esses conceitos, base da história do pensamento ecológico, não problematizaram o lugar que ocupa a espécie humana na sua condição singular de existência, direcionando suas percepções mais às dinâmicas das plantas e dos outros bichos não humanos. A preocupação ecológica voltada para a espécie humana é algo recente, como atual é seu desconhecimento. Mesmo os avanços nesse sentido, como o assegurado pela ecologia humana, ainda pensam a nossa espécie sem a complexidade merecida ao buscarmos entender a dinâmica do bicho humano na existência total da vida. Eis o esforço incansável de Freud, cujos desdobramentos não podemos negligenciar.

Deveríamos aprender com a natureza. Nela, não há uma linha que separa as cores do arco-íris, antes, há uma abertura em suas fronteiras que faz surgir novos tons. Uma cor se empresta ao espírito da outra. E mais, sempre mais que isso, como as notas musicais, os tons, em sua solidão, não se tecem como alma, mas são seus abraços, seus intensos abraços, tocados pelo “sol”, que se desvirginando para fora dos seus contornos sonoros, fazem surgir as canções nunca aprisionáveis. Não

⁷ Mediadora de sistemas ecológicos e sociais para a valorização das espécies e gestão dos recursos biológicos (Convenção Sobre Diversidade Biológica – Decreto Legislativo 2-94, artigo 2).

⁸ In Godoy (2008: 133).

há nenhum lugar onde se guardam as músicas, que nunca são reduzidas às notas, senão, no espaço infinito do espírito humano. Sinto, elas moram em silêncio no coração do céu, um lugar sem paredes.

A espécie humana como possibilidade não é aprisionável. O que na sua história lembrava ser um fim, a morte, hoje, parece-nos, não limita em nada seu desejo de imortalidade. Harari, em *Homo Deus*, afirma que a nova agenda da humanidade para o século XXI é a imortalidade⁹, a felicidade e a divindade. Supõe: o homem deseja se tornar “um deus”.

Ratifica que a humanidade ambiciona conquistar a amortalidade, ainda na primeira metade do século XXI, como provam as volumosas pesquisas sobre essa dimensão, financiadas por gigantes econômicos como o Google, cuja subcompanhia, chamada Calico, tem como missão “resolver a morte”.

Seu fundo de investimentos Google Ventures está aplicando 36% de sua carteira de dois bilhões de dólares em star-ups na área de biociência, inclusive projetos ambiciosos relacionados com a prorrogação da vida. *Para isso a medicina terá não só de realizar a reengenharia das estruturas e dos processos fundamentais do corpo humano como também descobrir como regenerar órgãos e tecidos* (HARARI, 2016b: 34; 37).

Esses desdobramentos só serão conquistados graças aos modelos polidisciplinares, da era contemporânea, que tem a nossa espécie, seus complexos sistemas bioquímicos e socioambientais como referências, incluindo-se, aqui, a ecologia humana. A psicanálise, também atenta ao corpo, não deve apartar-se da questão de como ficará a psique do *Homo Deus*, qual seria, por exemplo, o novo lugar das religiões para um ser que dispensaria a eternidade espiritual? Como seria ter um relacionamento amoroso com uma pessoa por 200, 300 anos? Qual o destino dos sistemas de previdência? Se de sete bilhões pulássemos para 14 bilhões de imortais, como ficaria a produção de alimentos e o uso dos bens da natureza para a sobrevivência de um mundo superpovoado? O que a humanidade fará com a massa de inúteis gerada pela excessiva quantidade de mão de obra desligada das forças armadas em todo o mundo e de outras profissões substituídas pelas

⁹ *Não quero atingir a imortalidade por meio do meu trabalho. Quero atingi-la não morrendo*, disse Woody Allen (HARARI, 2016b: 38).

máquinas? Amortais escolheriam a imortalidade mesmo ou, cansados por não morrerem, optariam pela eutanásia e pelo suicídio existenciais? Quais os novos sintomas que surgiriam com uma alma amortal?

Questionamo-nos qual seria, no século XXI, a ciência do homem capaz de dar conta dessa nova estética da humanidade. É possível pensarmos num modelo para essa tarefa neste novo século?

A disciplinaridade é conceber um rio contido em suas próprias margens, sem nascente nem foz, sem ciclos, sem história, sem vida. Freud foi além das margens, deixou o lugar “confortável” da medicina e da neurologia para mergulhar nas águas profundas da alma humana, e isso só foi possível porque ele viveu a in-disciplina. Freud foi transdisciplinar. A transdisciplinaridade é quando o pensamento torna-se sentimento, fazendo a travessia com seus próprios atravessamentos e repousando onde nada está terminado, parado, nem mesmo no lugar da mentira ou da falseabilidade, quem dirá na verdade ou no coração da lei.

Neste livro, busco trazer a psicanálise para um público que não a lê, biólogos e ecólogos, em especial, e a ecologia humana para a psicanálise, que, igualmente, não a conhece. Essas separações repetem o equívoco que mantém as fragmentadas percepções sobre a espécie humana. Cada época e lugar inventou, escreveu e esculpiu uma imagem do pai da psicanálise. Aqui, eu escrevo sobre o “Freud Verde”.

Os escritos de Freud, reunidos hoje em mais de 23 volumes, incluindo-se livros, artigos e cartas, produzidos ao longo de 40 anos de trabalho, são testemunhos desse esforço de pensar o ser humano fazendo uso de diversos campos do conhecimento, como propõe o modelo científico da ecologia humana. Parte substancial desse acervo encontra-se no Freud Museu de Londres e na Biblioteca do Congresso de Washington.

Seu sistema de pensamento sobre a espécie humana e suas relações com o mundo, com a humanidade, com as sociedades, culturas e civilizações, sua concepção de homem, aproxima-se do paradigma estrutural da ecologia humana, antes, complexo e sistêmico, anti-disciplinar, adisciplinar, transdisciplinar, que vai na direção do que propõe Marcuse (1898-1979): *A fronteira tradicional entre psi-*

cológia, de um lado, a política e a filosofia social, do outro, tornou-se obsoleta em virtude da condição do homem na era presente: os processos psíquicos anteriormente autônomos e identificáveis estão sendo absorvidos pela função do indivíduo no Estado – pela sua extensão pública. Portanto, os problemas psicológicos tornaram-se problemas políticos: a perturbação particular reflete mais diretamente do que antes a perturbação do todo, e a cura dos distúrbios pessoais depende mais diretamente do que antes da cura de uma desordem geral... A tarefa é, antes, desenvolver a substância política e sociológica das noções psicológicas (1999: 25). Freud, desde sempre, esteve atento a isso, embora, na atualidade, pouca atenção tem sido dada, pelas escolas clássicas de psicanálise, à substância política das noções psíquicas freudianas.

Sigmund fora um herdeiro rebelde do Iluminismo do século XVIII e, pensando no primeiro ano da sua universidade, escreveu ao amigo Silberstein: *Vou dedicá-lo inteiramente ao estudo de temas humanísticos, que não têm absolutamente nada a ver com minha futura profissão, mas que não serão inúteis para mim* (GAY, 1989: 43).

Lucille Ritvo, no seu precioso trabalho *A Influência de Darwin sobre Freud* (1992: 253), vai falar sobre a forma como o pai da psicanálise entende a importância do ambiente¹⁰ (espaço humano da natureza) sobre a nossa espécie: *Freud substituiu a etiologia da histeria pela mancha hereditária, que aprendera com Charcot, por uma etiologia ambiental, as seduções na infância. Quando ele percebeu que essas seduções eram, na maior parte, fantasias inatas, ele especulativamente recuou o meio ou experiência para a história da humanidade.* Sua grande elaboração sobre o ambiente, sobre a natureza, diz respeito à sua teoria do destino e às exigências da vida (1915).

Depois da teoria da evolução das espécies, as questões genéticas ganharam destaque em todos os ramos da biologia e em outros campos do conhecimento. A própria psicanálise tem na genética um de seus pilares. Anna Freud (1895-1982)

¹⁰ Neste texto, base da conferência para o Congresso de Etnopsicologia da USP (2016), que me permitiu unir três campos de conhecimento, os quais tenho estudado, sobretudo, em meu trabalho no mestrado de Ecologia Humana da UNEB - a psicanálise, a antropologia e a ecologia -, escreverei ambiente (ambiente), alma (halma), espécie (hespécie), ecologia (hecológia) e ecossistema (hecossistema) nessas formas entre parênteses, para situar, efetivamente e de maneira radical, o lugar singular da marca humana nesses fenômenos de suas existências.

afirmou que *nunca houve qualquer dúvida sobre a psicanálise como psicologia genética. O ponto de vista genético teve existência reconhecida desde o momento em que a investigação psicanalítica se voltou dos problemas neuróticos da vida adulta para seus precursores na infância e demonstrou o impacto de acontecimentos e padrões precoces ou posteriores* (in RITVO, 1992: 248).

Freud (1920: 64) defendera, em *Além do Princípio do Prazer*, que a psicanálise deveria lançar seus olhares para o campo da biologia, afirmando: *A biologia é, verdadeiramente, uma terra de possibilidades ilimitadas. Podemos esperar que ela nos forneça as informações mais surpreendentes e não podemos imaginar que respostas nos dará, dentro de poucas dezenas de anos, às questões que lhe formulamos. Poderão ser de um tipo que ponha por terra toda a nossa estrutura artificial de hipóteses.*

A psicanálise não identifica esse passo mágico que a biologia suscita à estrutura psíquica. Como afirma Morin (2012), é a cultura que opera uma mudança de órbita na evolução. São as culturas que se tornam evolutivas. *O ser humano sem ela seria um primata do mais baixo escalão.* A psicanálise estuda o psiquismo nesse fluxo entre o biológico e o cultural. A biologia cultural de Freud não é da mesma ordem da cultura biológica dos naturalistas.

Em *Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise* (1932: 120), destaca a prevalência do fator biológico inamovível e da necessidade de uma psicologia biológica, destacando que estamos estudando os concomitantes psíquicos dos processos biológicos, de alguma forma, estava situando a psicanálise nesse caminho intermediário entre a biologia e a psicologia. Longe de Freud, está propondo uma topografia localista do psiquismo humano, embora reconheça, por vezes, que as atividades mentais estejam relacionadas às atividades do cérebro.

Em *O Interesse Científico da Psicanálise* (1913b: 217), julga que o psicanalista deva, inclusive, manter certo afastamento de considerações essencialmente biológicas, mas que, depois de feito o trabalho psicanalítico, deva encontrar um ponto de contato com a biologia.

Freud sempre foi um pai que permitiu que sua filha, a psicanálise, namorasse outra mulher, a biologia. Via nelas relações que poderiam levar a grandes desco-

bertas, mas nunca perdeu de vista que sua filha devesse ter suas próprias roupas e morasse em sua própria casa. Era contra a vida de aluguel. Assim tratou, respeitosamente, a força inovadora da biologia. Entretanto, com sua morte, parte significativa dos psicanalistas deixou de ver os enraizamentos freudianos da psicanálise como ciência natural. Porém, pressionadas pelas excitantes descobertas das neurociências, há ilhas que reivindicam esse retorno à biologia psicanalítica de Freud, na maioria das vezes, de forma deturpada.

Em seu *Pós-escrito à Questão da Análise Leiga* (1926), no qual sustenta a tese de que a psicanálise não é uma profissão-ciência exercida por médicos, ou seja, um saber aprisionado numa disciplina, Freud escreve: *O que é conhecido como educação médica parece-me um modo árduo e tortuoso de se chegar à atividade de análise. Sem dúvida oferece a um analista muito do que lhe é indispensável. Mas o sobrecarrega com muito mais do que aquilo de que poderá fazer uso, e há um perigo de afastar seu interesse e todo o seu modo de pensar da compreensão dos fenômenos psíquicos. Ainda está para ser criado um programa de formação para analistas. Ele deve incluir elementos das ciências mentais, da psicologia, bem como da anatomia, biologia e o estudo da evolução.* Pesquisando o percurso de Freud, observamos que a gênese da psicanálise está fortemente relacionada com seus primeiros estudos no campo da zoologia e, por consequência, da neurologia. Esses passos levaram-no às inquietantes questões sobre nossa espécie, como um bicho que integra a psicofera.

Como escrevera num artigo publicado em húngaro, “Deve se Ensinar Psicanálise nas Universidades?”, demonstrando sua esperança de um dia isso ser possível, quando seriam incluídos saberes de diferentes áreas do conhecimento, ainda hoje, apesar de raríssimas exceções, como são alguns centros de pesquisas acadêmicas, programas de pós-graduação, não temos consolidado o ensino da psicanálise nas universidades espalhadas pelo mundo.

A psicanálise tem aparecido como apêndice de cursos de psiquiatria, psicologia e humanidades. Como visibilizada por Roudinesco (2016: 218), ela *cindiu-se em dois ramos: um, clínico, ligado ao ideal médico do cuidar; o outro, cultural, ligado à filosofia, história, literatura e antropologia.* Minha inquietação, neste trabalho, é que a biologia (ecologia) levou Freud à psicanálise e, em muitos lugares, onde

se fala dessa ciência e de suas co-irmãs, é impensável que o saber analítico ponha seus pés lá.

Jones, agora o secretário-mor do processo de organização internacional da psicanálise, contrariando o próprio Freud, nunca fora simpático a essa abertura da psicanálise. Na sua política de organização da profissão do psicanalista, defendia que ela deveria ser exercida somente por médicos, como era o caso nos Estados Unidos. Na contramão disso, Freud fará um manifesto em defesa da análise leiga. O criador, perdendo o controle sobre sua criação, teve que travar intensos debates para fazer seus discípulos crerem que psicanálise e medicina são coisas diferentes e que se deveria proteger a primeira do saber orgânico da segunda, no qual, sabe-se, o psiquismo humano sempre foi banalizado.

Apesar de ter sido seduzido pela perspectiva mecânica da natureza, o desejo efetivo de Freud era mergulhar nos mistérios da natureza humana; descrever a estranheza das pessoas e adentrar, minimamente, no terreno da pele inconsciente. Sua viva curiosidade infantil, as marcas da sua história de vida, deslocou-se para o campo das investigações científicas, para os enigmas da mente humana, da cultura e da civilização.

Num tempo de banalização e apagamento do sujeito, a psicanálise enraíza-se nas suas possibilidades de existências. A psicanálise existe porque existe o sujeito, o ser humano. É duvidoso pensar quem entrará primeiro em extinção. Freud *inventou um sujeito moderno dividido entre Édipo e Hamlet. Colocava o sujeito moderno frente ao seu destino: o de um inconsciente que, sem privá-lo de sua liberdade, determina-o à sua revelia. E queria a todo custo que a psicanálise fosse uma revolução simbólica com a vocação primordial de mudar o homem, mostrando que “o eu não é o senhor em sua casa”* (RODUINESCO, 2016: 98; 250).

Freud inaugura uma perspectiva para que possamos olhar a relação homem-mundo pelo viés do inconsciente, que não é o seu lado irracional, mas outra racionalidade, ou seja, uma nova racionalidade a partir da arquitetura, das edificações do pensamento freudiano.

Trata-se de uma “ciência” fundada por Freud, que, ao mesmo tempo em que é um método de investigação, para onde convergem diferentes campos de saberes,

é também uma técnica psicoterapêutica para análise do inconsciente. *Freud empregou inicialmente os termos análise, análise psíquica, análise psicológica, análise hipnótica, no seu primeiro artigo As Psiconeuroses de Defesa (1894). Só mais tarde introduziu o termo psycho-analyse num artigo sobre a etiologia das neuroses. O uso do termo “psicanálise” consagrou o abandono da catarse sob hipnose e da sugestão, e o recurso exclusivo à regra da associação livre para obter o material* (LAPLANCHE, 2001: 384).

Como podemos observar, a criação de Freud demonstra a radical necessidade de um entendimento da vida humana, mergulhando desde suas raízes ancestrais, míticas, até os galhos que sustentam suas imersões na civilização da qual é produtor e produto. Aqui, Freud demarca a natureza da sua ecologia. Deixa de lado os peixes, os crustáceos, os cogumelos e vai em busca do bicho humano.

Sem sombra de dúvidas, a perspectiva mais forte sobre a dimensão ecológica da obra de Freud foi a teoria da evolução das espécies, anunciada conjuntamente por Wallace¹¹ e Darwin para a Linnean Society¹², em 1º de julho de 1858, em Londres.

Freud escrevera com um respeito singular sobre o “Grande Darwin” em parte significativa de seus trabalhos. Chegou a tratar da teoria da psicanálise como um golpe *psicológico* na história narcísica da humanidade, como fora *o corte cosmológico* de Copérnico e *a fenda biológica* de Darwin, feridas incuráveis na pele da nossa civilização.

Sobre isso, escreveu em sua *Introdução à Psicanálise* (1916): A ciência infligiu ao egoísmo inocente da humanidade dois graves desmentidos. O primeiro ocorreu logo que ela *mostrou que a Terra, longe de ser o centro do Universo, era apenas uma parcela insignificante do sistema cósmico, do qual podemos apenas imaginar a grandeza. Atribuímos essa primeira demonstração a Copérnico... O segundo desmentido foi imposto à humanidade pela pesquisa biológica..., estabelecendo a sua origem no reino animal e mostrando-lhe sua natureza animal indestrutível. Essa*

11 Jovem naturalista, pobre, autodidata, que viajou pelo mundo colecionando animais raros e produziu, na mesma época de Darwin, as bases epistemológicas que sustentaram a teoria da evolução das espécies.

12 A Sociedade não recebeu com entusiasmo a tese que jogou por terra as bases teóricas de todas as ciências da vida e situou o homem no seu lugar comum da natureza, como mais uma espécie.

última revolução acontece em nossa época graças ao trabalho de Charles Darwin, de Wallace e de seus predecessores.

*O Grande Darwin estabeleceu uma regra de ouro, escreveu para demonstrar seu encantamento e conversão à teoria da evolução, que ganhou corpo com a publicação da *Origem das Espécies*, em 1858. O criador da teoria do inconsciente, antes de morrer, em seu exílio em Londres, em 1939, após a perseguição nazista, destacou sua intensa alegria em assinar o santificado livro da Royal Society ao lado dos nomes de Isaac Newton e Charles Darwin.*

O LIVRO COMPLETO PODE SER
ADQUIRIDO PELO SITE DO AUTOR:

www.juracymarques.com.br